

Revitalização não chegou ao Comércio

DESCASO

Vários casarões de valor histórico estão relegados ao abandono

JAIR MENDONÇA

Uma extensa área da Cidade Baixa, especialmente na zona comercial, está com seu patrimônio arquitetônico degradado, conforme revelou uma série de reportagens elaborada por A TARDE. O descaso público condena vários casarões de expressivo valor sociocultural ao total abandono, apesar de o governo federal ter investido, nos últimos dez anos, vários milhões de reais para projetos de revitalização. Para se ter uma idéia, existem ruas onde a sucessão de imóveis destruídos pelo tempo – acabou o comércio e afastou os pedestres – lembram partes de cidades bombardeadas.

A Rua Campos Sales, por exemplo, é o retrato da falta de programas de revitalização continuada do governo. Situada ao lado da antiga Ladeira do Taboão, a rua ostenta várias fachadas de casarões já destruídos. Edificados com materiais de construção, alguns importados de Portugal, os imóveis são hoje escombros que ameaçam a vida de centenas de pessoas. Do prédio nº 1 só restou a parede da fachada, que apresenta uma grande rachadura e ameaça desabar a qualquer momento. “Já avisamos várias vezes à Defesa Civil sobre o perigo que esta parede representa, mas até agora nada foi feito”, disse um comerciante que trabalha próximo.

Sem esgotamento sanitário e instalações elétricas, os demais imóveis da Campo Sales abrigam hoje mendigos. Na

Ladeira do Taboão, mais quatro imóveis estão com suas estruturas aparentemente ameaçadas, apesar de habitados. No imóvel nº 55, um prédio de quatro andares, onde moram cerca de 150 pessoas, as vigas de ferro estão à mostra e grande parte do reboco da fachada já caiu. Também no prédio vizinho, Edifício Imperial, a situação de risco é igual.

Sem obras de conservação, a solução da população é o isolamento de várias ruas. Ninguém transita mais na Rua Fernão Cardim por causa do adiantado estado de abandono em que se encontram os imóveis. Ratos, lixo, papelões catados por mendigos é tudo o que existe também em outros becos na área próxima à Praça Marechal Deodoro. “Não é possível que uma parte tão bonita da cidade seja abandonada a tal ponto”, queixou-se uma funcionária pública, que concordou em conceder a entrevista sem ser identificada com medo de “represálias”.

O abandono também é gritante na Rua da Grécia, onde existe uma seresta todas as sextas-feiras. Os comerciantes da área vinham se cotizando para pagar a pavimentação da calçada. O valor dos reparos, entretanto, ficou elevado. “O último orçamento feito por um mestre-de-obras foi de R\$ 1.600. Não podemos pagar tanto para fazer uma obra que é responsabilidade da prefeitura”, queixa-se um comerciante da área. Foi pior. A calçada está mais esburacada. Vários clientes de um banco situado na Rua da Grécia, entre a Avenida Estados Unidos e a Rua Miguel Calmon, chutavam as pedras soltas da calçada. “Isso é uma ofensa ao povo”, reclamou uma popular, que disse ser mãe de um deputado que apóia o governo na Assembléia.

Foto: Antonio Saturnino



Pedestre sofre com calçadas esburacadas

Nas ruas de grande movimento, a falta de conservação pública também é visível. Vários trechos das calçadas das ruas Miguel Calmon, Portugal, Rodrigues Alves, Conselheiro Saraiva, Pinto Martins e Estados Unidos estão cheias de buracos. “Esta buraqueira aqui tem mais de cinco anos”, queixou-se Sérgio Tavares de Souza, que trabalha na Rua Álvaro Cabral, próxima ao Plano Inclinado Gonçalves. As consequências dos desníveis no piso das ruas públicas são graves. Iolanda Menezes tropeçou e caiu num buraco na Rua Miguel Calmon e teve torção no tendão de aquiles: ficou um mês sem trabalhar.

Na Praça da Inglaterra, esquina com a Rua Pinto Martins, tem um buraco na lateral da pista de tráfego que já causou vários acidentes - mas continua aberto. “Socorri um cego que caiu e se machucou”, disse o taxista Agnaldo Ferrão. A solução encontrada pelos populares é tapar a cratera com paralelepípedo. Recentemente um ônibus arremessou um dos paralelepípedos contra muitas pessoas que se encontravam na calçada – alguns tiveram ferimentos nas pernas. O governo colabora para o agravamento da situação. Há poucos dias, o programa Bahía Azul cavou novo buraco do lado oposto do já existente – que mede cerca de três metros de comprimento e quase um metro e meio de profundidade. Não tem sinalização.

Diversas ruas do Comércio estão esburacadas, representando armadilha para o pedestre